

O arrabalde ribeirinho de Mértola e a evolução dos espaços periurbanos da cidade entre a Antiguidade e o período Islâmico

Virgílio Lopes
Susana Gómez Martínez

Nos últimos anos, as escavações de emergência realizadas em Mértola forneceram uma quantidade considerável de informação arqueológica sobre a cidade, especialmente no que diz respeito às áreas exteriores às muralhas. As intervenções na Cerca da Arrochela, na Hospedaria Beira-Rio e no Cine-Teatro Marques Duque (fig. 1) permitiram documentar um arrabalde ribeirinho muito interessante, e com uma ocupação que parece remontar-se à Antiguidade Tardia, prolonga-se pela Idade Média e chega ao período moderno. As intervenções no Cine-Teatro, junto com os acompanhamentos arqueológicos das ruas próximas ao Rossio do Carmo, permitiram, também, obter novas informações sobre a ex-

tensão das necrópoles paleocristã e islâmica, e documentar diversas instalações de carácter industrial entre as quais se destacam vários tanques e um pequeno forno cerâmico de cronologia almôada.

1. Intervenção Arqueológica de Emergência

Nos finais de 2002 e inícios de 2003, as obras de repavimentação e de colocação da rede de águas pluviais motivaram intervenções arqueológicas pontuais nas ruas 25 de Abril, da República, Cândido dos Reis e no largo do Rossio do

de cultivo foi quebrada por volta de 1930, quando se abriu a estrada e se construiu o cais. Estas obras vieram a destruir parte das estruturas arqueológicas existentes no subsolo. As escavações arqueológicas foram iniciadas em 1992, tendo apenas sido possível a abertura em área de uma pequena parcela deste local onde o solo encerra parte da história de Mértola.

Os trabalhos arqueológicos realizados até ao momento vieram confirmar a ocupação deste espaço, pelo menos, desde os séculos I e II da nossa era até ao período moderno. No entanto, só o prolongamento das investigações arqueológicas em área, se poderá identificar e compreender com segurança as distintas ocupações que este espaço teve ao longo do tempo.

3. Hospedaria Beira Rio

Os trabalhos de escavação arqueológica de campo tiveram início a 13 de Junho e terminaram em 9 de Novembro de 2005, tendo-se procedido a uma intervenção em área e em profundidade das zonas a serem afectadas pela obra de construção do novo edifício. O objectivo central era a identificação da existência de vestígios arqueológicos, bem como a sua datação e compreensão, e a salvaguarda documental dos mesmos.

Dada a natureza do terreno, na zona deste quintal, depreendia-se uma forte densidade de terras, em parte devido à dimensão das árvores aí existentes, nomeadamente oliveiras e laranjeiras. Esta análise topográfica era também corroborada pelo conhecimento que dispúnhamos da *Cerca da Arrochela*, local próximo e anteriormente alvo de trabalhos arqueológicos.

A escavação identificou uma sequência estratigráfica que traduz o abandono do local como área residencial, e a utilização deste sítio como local de despejos e posteriormente como quintal e zona de cultivo agrícola.

Quando se procedeu ao início da decapagem manual, uma das primeiras estruturas a aflorar foi um muro de alvenaria de pedra do qual foi feito o registo gráfico e fotográfico. Esta estrutura de pedra solta estava associada a materiais cerâmicos do período moderno. Dado que só possuía face para o lado nascente, infere-se que tenha sido uma estrutura de contenção de terras.

Depois do desmonte desta estrutura, foi feita uma decapagem em profundidade, tendo sido atingidas estruturas pertencentes a três casas do período islâmico (fig. 7 e 8). Entre duas das casas foi posta a descoberto uma rua, pavimentada com terra batida. Depois de identificado o nível de pavimentação e a sua direcção (nascente-poente), foi feita a escavação em profundidade, onde foi encontrada uma canalização que escorria as águas pluviais no sentido nascente, e duas fossas detriticas que recebiam, respectivamente, os dejectos das casas vizinhas.

Estamos em presença de casas que obedecem a uma tipologia bem conhecida no mundo mediterrânico: a casa de pátio

central, em que todos os compartimentos estão virados para este espaço e comunicam com ele.

A nível das técnicas construtivas, tudo leva a crer que se tratavam de construções em taipa e que possuíam um embasamento em alvenaria de pedra (conservado), e cujos telhados seriam com cobertura de telha de meia cana. Inevitavelmente, a taipa não se conservou arqueologicamente, apenas inferimos da sua existência a nível dos derrubes e das camadas de cal que constituem o seu revestimento.

Nos locais onde a escavação se realizou em profundidade, atingiram-se os níveis dos derrubes dos telhados e as estruturas de época romana. Contudo, dados os desenvolvimentos dos trabalhos arqueológicos, estas construções com muros argamassados não possuem, ainda, uma leitura de conjunto nem uma interpretação funcional.

Merece um especial realce a pedra de soleira que marca a entrada no salão da casa 1. Esta pedra possui gravadas quatro cruces potentadas, o que mostra inequivocamente uma cristianização do espaço. Esta nova situação permitir-nos-á futuramente, uma análise detalhada dos materiais no sentido de perceber a religiosidade dos habitantes deste bairro, que seriam possivelmente moçarabes. A confirmar-se esta hipótese, é a primeira vez que se prova arqueologicamente tal facto em estruturas habitacionais. Por outro lado, é de destacar a qualidade do espólio arqueológico, tanto a nível dos objectos metálicos como dos objectos cerâmicos. De referir, ainda, o grau de preservação da casa nº. 1, uma das melhores conservadas e que apresenta um elevado requinte construtivo, de onde foram exumados estuques com restos de pintura.

Numa primeira análise das estruturas e materiais identificados podemos inferir a existência de uma ocupação ininterrupta do local desde o período romano até ao século XIII. Embora apenas pontualmente, foram detectados estruturas e materiais do século XVII-XVIII.

Após a escavação é possível inferir a existência de três casas islâmicas e de alguns compartimentos de incompleta leitura que pertenceriam ao bairro existente neste local. Este conjunto de dados faz deste local um bairro importante e detentor de poder económico no período islâmico.

A nosso ver, além de poder haver no futuro edifício uma referência visual a parte das estruturas arqueológicas, não seria descabido prever também um espaço de memória para expor os artefactos arqueológicos do sítio e as sucessivas fases de ocupação (dada a diversidade e a qualidade do espólio arqueológico encontrado no decurso da escavação). Estas sugestões estão a ser estudadas em conjunto com os arquitectos autores do projecto do edifício e pelo proprietário. Saliente-se que, dada a função do novo imóvel, ser ligada ao turismo, não parece de todo descabido sugerir-se a existência de um pequeno espaço museológico, preservando, pelo menos, a casa identificada como moçarabe, que pode ser um elemento extremamente valorizador para o investimento que está a ser realizado.

onde se desenvolveriam, também, actividades de carácter industrial, talvez o fabrico de vidro.

4.3. A necrópole paleocristã

Na escavação do Cine-Teatro Marques Duque, foi possível confirmar a existência da necrópole paleocristã, tal como já tinha sido referida por Estácio da Veiga em finais do século XIX. Algumas sepulturas encontravam-se a pouca profundidade e, por este motivo, foram destruídas na sua maior parte já em época islâmica. Nalguns casos constatamos outras destruições: no século XVII devido à construção da Igreja de Santo António, e no século XX pela do Cine-Teatro e de diferentes infra-estruturas urbanas. No entanto, foi possível reunir um conjunto importante de dados.

Esta necrópole era densa e bem organizada (fig. 11). No total, foram identificadas 34 sepulturas, quase todas escavadas no afloramento rochoso de xisto, e grande parte delas delimitadas, por estruturas de pedra e argamassa de cal, ocasionalmente também compostas de tijolos e *tegulae*. Seguiam quase todas uma orientação aproximada Este-Oeste, alinhavam-se segundo eixos ortogonais bem definidos, separadas por espaços reduzidos e regulares, por vezes, apenas por um estreito murete (fig. 12).

Apenas uma sepultura tinha uma orientação sensivelmente diferente (NO-SE). Estava parcialmente remexida e continha o esqueleto dum indivíduo jovem. Das restantes sepulturas, apenas vinte e duas conservavam ainda ossos humanos *in situ*, e só uma estava selada por uma cobertura de lajes de xisto e com o esqueleto praticamente completo e em bom estado de conservação. Uma outra sepultura, que estaria também selada, foi identificada mas não foi aberta por se encontrar debaixo de estruturas islâmicas que não chegaram a ser afectadas pelas obras do Cine-Teatro.

Os restos ósseos, por regra, eram depositados em decúbito dorsal com os braços colocados ao longo do corpo ou sobre o púbis. Não foi encontrado qualquer espólio funerário associado.

Pontualmente, foi possível localizar vestígios dum pavimento argamassado que cobriria o espaço funerário. É de destacar a presença duma marca deixada pela lápide sepulcral duma sepultura num destes fragmentos de pavimento. Trata-se dum tipo de *opus* semelhante ao encontrado, *in situ*, na Basilica Paleocristã do Rossio do Carmo cobrindo as sepulturas encontradas no interior do recinto sagrado. Isto poderá significar que estas sepulturas se encontravam igualmente no interior de um edifício do qual não é possível actualmente identificar qualquer estrutura.

Ficou inequivocamente atestada uma ocupação humana, nas áreas a Norte das muralhas da vila, junto à saída para Beja, que vai desde o século I d. C. até ao século XIII-XIV, quer pelas estruturas detectadas, quer pelo espólio arqueológico posto a descoberto. A nível da topografia infere-se a existência de plataformas a distintas cotas dispostas em socacos onde se implantavam quer as estruturas fabris (tanques e forno), quer a necrópole paleocristã, quer as estruturas habitacionais, estas maioritariamente pertencentes ao período medieval. Estes vestígios vêem reforçar a ideia de que houve uma intensa ocupação desta área da vila, trazendo novos contributos para a percepção da topografia histórica do arrabalde antigo da vila de Mértola.

Bibliografia

- BOIÇA, J. M. F. (1998) – *Imaginária de Mértola, tempos, espaços, representações*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- BOIÇA, J.M.F. e Barros, M.F.R. (1995) – *As Terras As Serras Os Rios. As memórias paroquiais de 1758 do Concelho de Mértola*, Coleção Estudos e fontes para a História Local, nº 1. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- DIAS, M.A., 1993 – «Epigrafia». In *Museu de Mértola Basilica Paleocristã*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 102-138.
- FERREIRA, F. B. 1965 – «Uma planta arqueológica do Rossio do Carmo em Mértola», *Revista de Guimarães*, LXXV, pp. 59-72.
- LOPES, V. 1993 – «Materiais arqueológicos». In *Museu de Mértola – Basilica Paleocristã*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 66 - 101.
- LOPES, V. (2003) – *Mértola na antiguidade tardia*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- MACIAS, S. 1993 – «Um espaço funerário», *Museu de Mértola. Basilica Paleocristã*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 30-62.
- TORRES C., e Silva, L. (1989) – *Mértola Vila Museu*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- TORRES, C. Macias, S., (Coordenadores) (1993) – *Museu de Mértola Basilica Paleocristã*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- VEIGA, S. Ph. Estácio da, (1983) – *Memórias das Antiguidades de Mértola*. Edição fac-similada de 1880. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Câmara Municipal de Mértola.
- VIVES, José (1969) – *Inscripciones Cristianas de la España Romana y Visigoda*, Barcelona.

5. Conclusões

Estas intervenções de emergência trouxeram significativos dados para a compreensão da topografia histórica de Mértola durante Antiguidade Clássica e a Idade Média.

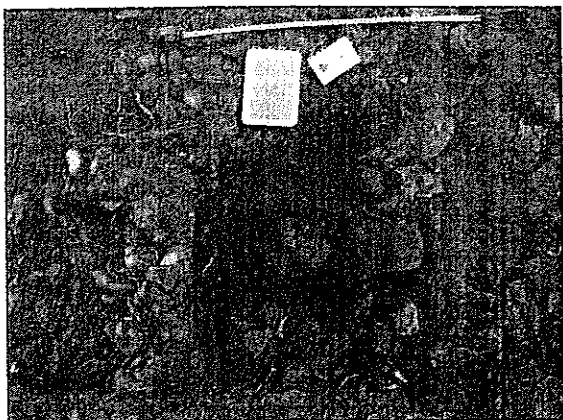


Fig. 4 - Vestígios do forno da rua 25 de Abril com a última camada de utilização.

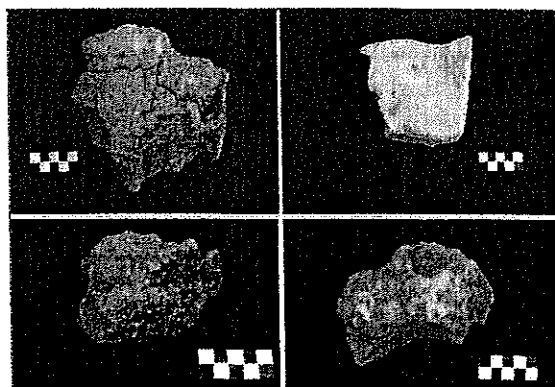


Fig. 5 - Fragmentos da estrutura do forno.

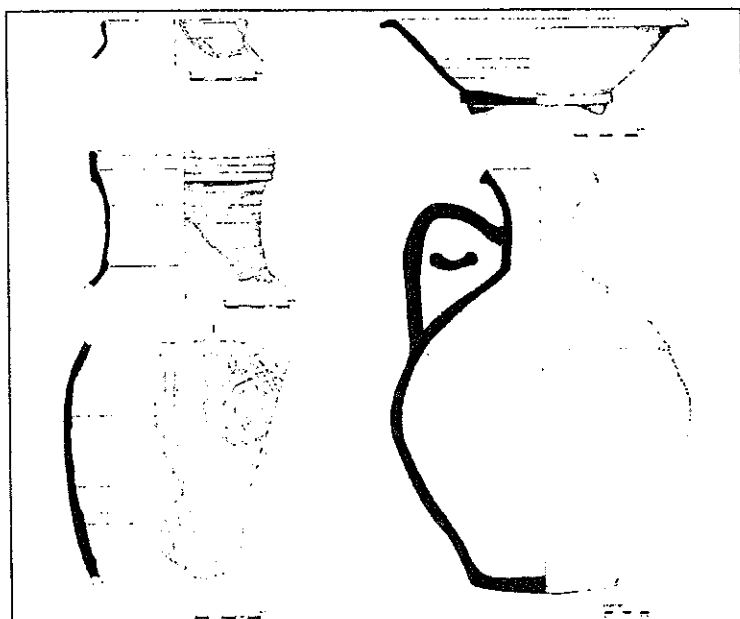


Fig. 6 - Materiais cerâmicos encontrados no forno. O cântaro completo foi encontrado na Alcáçova do Castelo de Mértola, mas corresponde, certamente, ao tipo de peças fabricadas no forno.

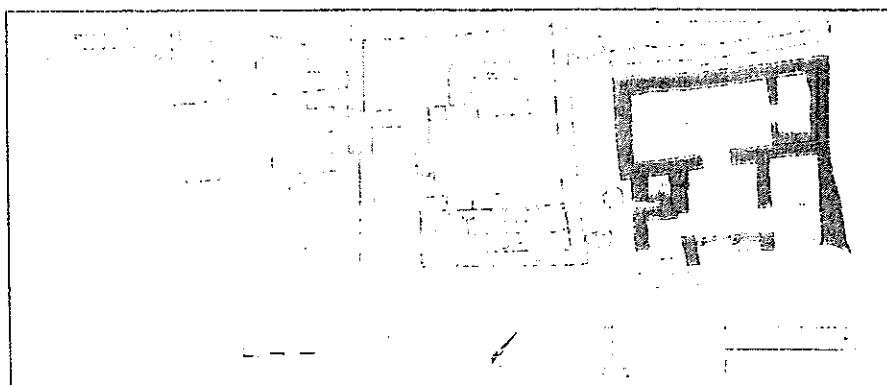


Fig. 7 - Hospedaria Beira Rio. Planta geral.